

DE REPENTE

De repente
uma luz recém amanhecida
ilumina a esfera e a vida,
como um milagre habituado,
ressuscita como um rio sem trégua.
E tu sentes a corrente inundando
as tuas raízes e começa a dança
e vês como um pássaro
no frágil pedestal de uma rosa
renova a sua aliança.

De repente
a voz fica silenciosa
e desfazem-se as palavras.
O que pude viver
e não vivi
são cinzas de um cálculo amarelo
entre as brasas
de uma portagem invulgar.

Morrer de coração ferido
não redime os beijos nem as carícias
que deixaram a sua marca na pele
e não cicatrizaram.
Algum dia, não sei se chegará,
remaremos de peito descoberto
e numa concha
embriagaremos os nossos prantos.

De repente
abro de par em par
as janelas enferrujadas
da vida e sinto o tremor
de quem pisa uma terra desolada.
Quem põe os sotaques que esqueci
numa tarde com um lenço
de flores de laranjeira entre os lábios?
Uma janela aleatória abre o bico
como um pássaro faminto.
Olho e de repente
fecha-se com um tremor
que desconheço.

De repente
sobrevoam os pássaros do medo.

De repente.
Sevilha, 2022

Blas Márquez Bernal, cmf
(FOTO: [Vladislav Glukhotko](#))

